

Didática

Itamar Freitas



São Cristóvão/SE
2011

Didática

Elaboração de Conteúdo
Itamar Freitas

Projeto Gráfico

Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Nycolas Menezes Melo

Ilustração

Itamar Freitas

Revisão

Christianne Gally

Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Diretor de Educação a Distância

João Carlos Teatini Souza Clímaco

Reitor

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor

Angelo Roberto Antonioli

Chefe de Gabinete

Ednalva Freire Caetano

Coordenador Geral da UAB/UFS**Diretor do CESAD**

Antônio Ponciano Bezerra

coordenador-adjunto da UAB/UFS**Vice-diretor do CESAD**

Fábio Alves dos Santos

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)

Sylvia Helena de Almeida Soares

Valter Siqueira Alves

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação

Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Marcel da Conceição Souza

Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Português)

Eduardo Farias (Administração)

Paulo Souza Rabelo (Matemática)

Hélio Mario Araújo (Geografia)

Lourival Santana (História)

Marcelo Macedo (Física)

Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)

Raquel Rosário Matos (Matemática)

Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)

Carolina Nunes Goes (História)

Viviane Costa Felicíssimo (Química)

Gleise Campos Pinto Santana (Geografia)

Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)

Vanessa Santos Góes (Letras Português)

Lívia Carvalho Santos (Presencial)

Adriana Andrade da Silva (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva

Nicolás Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1	
Didática para quem necessita de Didática	07
AULA 2	
Uma Didática para formar o cristão	19
AULA 3	
Uma Didática para a formação do burguês	29
AULA 4	
A formação do homem moral	39
AULA 5	
Racionalidade e eficácia na didática dos objetivos	53
AULA 6	
Tecnologia de ensino a serviço da didática comportamentalista.....	63
AULA 7	
A didática da aprendizagem por descoberta	79
AULA 8	
A Didática cognitiva verbal significativa	91
AULA 9	
A Didática das competências para a formação cidadã	103
AULA 10	
Didática e profissão docente.	115

Aula 1

DIDÁTICA PARA QUEM NECESSITA DE DIDÁTICA

META

Apresentar os objetos e questões-chave da Didática;
Fornecer uma visão geral sobre este curso;
Avaliar os conhecimentos prévios do aluno

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
recordar os sentidos das palavras aprendizagem, ensino, conteúdos e avaliação;
avaliar o conhecimento que possui sobre as questões-chave da Didática;
compreender a transitoriedade das respostas oferecidas pela Didática;
identificar os critérios de escolha da matéria deste curso.

PRÉ-REQUISITOS

Disposição para conhecer os objetivos e os conteúdos deste curso

Itamar Freitas

INTRODUÇÃO

Olá, colegas,

Sou Itamar Freitas, licenciado e mestre em História e doutor em Educação. Vejam que a minha formação é mista. Estou nos “dois lados da moeda”, como pensam milhares de profissionais e alunos. A “cara” representa os conteúdos conceituais de uma especialidade (no meu caso, a História). A “coroa” é o símbolo das habilidades responsáveis pela transmissão desses conteúdos conceituais. De um lado, o “saber”; e do outro, o “como fazer para os alunos saberem”.

Sei que muitos alunos da graduação pensam dessa maneira. Mas, vou tentar argumentar que é possível pensar e agir de outro modo em relação aos conhecimentos ditos “pedagógicos”. Se esse não é o seu caso, vire a página, por favor. Mas, se for, peço que continue a leitura por mais um instante.

SOBRE O SENTIDO DA DIDÁTICA NOS CURSOS DE LICENCIATURA

Claro que não penso a formação docente dessa maneira: os conteúdos conceituais das especialidades de um lado, e os conteúdos procedimentais da Pedagogia do outro. Mas já pensei um dia!

Já teci comentários nada abonadores sobre os professores de Didática, Prática de Ensino, Estágio, Psicologia da Aprendizagem e Psicologia do Desenvolvimento, por exemplo. Hoje, tenho consciência dos motivos e posso até listar alguns:

1. a incapacidade de o professor de Didática demonstrar a relevância do curso para a formação do professor de cada área e para o uso no cotidiano docente;
2. a ocupação excessiva do tempo na discussão sobre o estatuto epistemológico da Didática, os objetos, a história da Didática, a pesquisa em Didática, como se todos os alunos fossem, adiante, trabalhar em cursos de formação de pedagogos;
3. a ocupação excessiva do tempo na prescrição de técnicas e na construção e/ou de artefatos empregados em situação de ensino (planos de aula, retro-projetores, por exemplo), desconectados de quaisquer teorias do ensino e da aprendizagem;
4. o total desconhecimento dos rudimentos da minha especialidade (na época, a História);
5. o preconceito dos meus mestres de História em relação aos mestres das áreas ditas “pedagógicas”;
6. a imagem da atividade docente como profissão precarizada (baixos salários, trabalho insalubre etc.).



Como ensinar? Eduardo Oliveira e Thiago Neumann 2010.

Evidentemente, várias dessas mazelas estavam presentes em muitas disciplinas cursadas no Departamento de História. Mas, o nascente espírito de corpo (de historiador) não me deixava compreender que os meus professores de História, antes de serem “de História” eram “professores”. E, como “professores”, deveriam, no mínimo – para usar a pobre metáfora que me orientava à época –, dominar algumas estratégias de “como fazer para os alunos saberem” (a “coroa”).

Entretanto, apesar de reclamar de vez em quando – Professor fulano sabe muito mas sabe só para ele! –, costumava perdoar aos “pesquisadores” da História e condenar os “professores” da Educação.

Em resumo, eu também não gostava de Didática e sempre esperei ler algum texto que me convencesse sobre a sua funcionalidade na formação inicial do ofício de professor.

Hoje, como me encontro na condição de professor de Didática, fui, portanto, forçado, pelas circunstâncias, a produzir tal texto. Por isso, começo afirmando que ninguém é obrigado a gostar de Didática. O gosto é algo aprendido.

Conheço dezenas de alunos que, literalmente, “odeiam” Teoria da História, Cálculo e Linguística... Mas as minhas pesquisas e a observação cotidiana permitem me afirmar que é impossível exercer honestamente o ofício de professor de História, Matemática e de Língua Portuguesa, entre os adolescentes e adultos, sem o conhecimento dos rudimentos de algumas disciplinas ditas “pedagógicas” nos cursos de graduação.

Assim penso em relação à Didática. Seus objetos e problemas devem ser discutidos na formação inicial. Estou convencido de que o domínio desses objetos pode fazer a diferença em sua futura atuação profissional.

No entanto, quem vai decidir se você deve, ou não, estudar os objetos e questões-chave da Didática; se a Didática é, ou não, relevante para a formação inicial do professor, seja ele de Geografia, Artes, Química, Biologia, entre outras, é você.

Eu, apenas, contribuirei para essa tomada de decisão, fazendo, neste instante, quatro perguntas objetivas. Se você conseguir responder com objetividade e coerência, em vinte minutos, sem o auxílio do Google ou de colegas experientes na docência, direi que não há necessidade de prosseguir no curso. Nesse caso, você faz parte de um minúsculo grupo de pessoas minimamente habilitadas a refletirem sobre a docência. Aconselho-o, imediatamente, partir para as leituras sugeridas ao final e solicitar o reaproveitamento de créditos junto ao Departamento que gerencia o seu curso de licenciatura.

Se, no entanto, você encontrar dificuldades, se não conseguir responder dentro dos critérios referidos, pode dar uma chance aos meus escritos e, por curiosidade, continuar seguindo esta aula e este curso. Eles foram elaborados, exatamente, para aquele aluno que não tem a mínima paciência com assuntos da área, que não sabe o lugar da disciplina na formação do licenciado, enfim, para quem acha que as disciplinas oferecidas pelas faculdades e departamentos de Educação – as disciplinas “pedagógicas” – devem ser substituídas pelas disciplinas “de conteúdo” relacionadas à sua futura área de atuação, sem nenhum prejuízo para a formação docente.

Estão prontos?

Então, tentem responder:

1. O que é aprender?
2. O que é ensinar?
3. O que é conteúdo?
4. O que é avaliar?

OITO MANEIRAS DE RESPONDER ÀS CLÁSSICAS QUESTÕES DA DIDÁTICA

Até aqui, você deve ter percebido que a Didática sobre a qual estou tratando é uma disciplina universitária, componente de cursos de formação inicial de professores, que tem como principais objetos o ensino, aprendizagem, conteúdos e avaliação.

Didática é também um campo de investigações e, como tal, possui suas controvérsias, linhas, tendências, correntes, paradigmas e modelos. Qual Didática vou usar para responder às perguntas anunciadas no início deste curso?

As respostas às clássicas perguntas da Didática serão fornecidas por oito teóricos da educação, cujas obras foram (e são) direta ou indiretamente empregadas na experiência brasileira: João Amós Comênius, John Locke, Johann Friedrich Herbart, F. Burrus F. Skinner, Ralph W. Tyler, Jerome Bruner, David Ausubel e Philippe Perrenoud. Desses autores, enfatizo o tratamento atribuído aos conteúdos conceituais e proposicionais que são os tipos dominantes apresentados aos alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Mas, por que oito? Por que não responder o que é ensinar, aprender, como selecionar conteúdos e o que avaliar ao modo do professor Itamar

Freitas? Simplesmente porque faço parte de uma classe docente que entende a teoria como um instrumento que os humanos criaram para compreender o seu entorno e orientar a sua vida cotidiana. Os humanos são criativos, engajados, limitados e, conseqüentemente, divergentes. Por esse raciocínio, não existe, portanto, “a” teoria da Didática.

Em segundo lugar, e em decorrência desse argumento, não existe “a” resposta às questões clássicas da didática. Até mesmo esse conjunto de quatro temas (ensinar, aprender, conteúdos e avaliação), relativos ao “processo de ensino na sua globalidade” (Libâneo, 2000, p. 116), é uma formulação controversa.

Outros professores incluiriam os objetivos, planejamento e relação professor-aluno (Cf. Oliveira, 200; Cunha, 1993), planejamento (Cf. Lopes, 1993), objetivos (Cf. Lima e Castanho) e livro didático (Caporalini, 1993), ou os substituíram pelo “fenômeno do ensino” – as mudanças nos sistemas escolares e na formação de professores (Cf. Pimenta, 2000, p. 71), o “fenômeno da aula” – as interações, as funções e as linguagens verbal e não verbal que ocorrem na sala de aula (Cf. Soares, 1986) ou a apropriação crítica dos conteúdos – entendidos como “a expressão complexa da vida material, intelectual, espiritual dos homens de um determinado período da história” (Gasparin, 2002, p. 3).

Por que não há consensos duradouros sobre as teorias educacionais ou sobre os modos de ensinar? A reflexão sobre a Didática altera-se (é histórica) porque, com o passar do tempo, as sociedades e os teóricos modificam seus interesses, e esses interesses exigem novas explicações sobre o seu entorno, resultando em novas perguntas e, com isso, novas respostas... e novas perguntas e novas respostas.

As novas respostas, entretanto, são construídas sobre as respostas da teoria anterior. Por isso, não é difícil encontrar, aqui e ali, alguma passagem no texto do autor inovador que lembre uma afirmação pronunciada na antiga teoria e até mesmo concorde com ela.



Detalhe da capa de LEFRANÇOIS, Guy R. Teorias da aprendizagem 5 ed. Cengage Learning, s.d.t.

UMA VISÃO GERAL DO NOSSO CURSO

As respostas para os sentidos de ensinar, aprender, conteúdos e avaliação serão anunciadas em ordem cronológica, ou seja, sequencialmente, de acordo com a data em que as obras foram publicadas pela primeira vez, em língua original.

Essa disposição ajuda a reforçar a percepção das diferenças de posição entre os autores e também as continuidades ou as críticas e ressignificações de conceitos e procedimentos defendidos por cada um. Evidentemente, você pode planejar os seus estudos de outra maneira, iniciando por qualquer aula. Mas, sugiro, antes, conhecer de como este curso foi organizado.

As falas dos teóricos, uma para cada aula, foram agrupadas em três tendências que refletem posições dominantes sobre a natureza e funcionamento da mente e o controle do comportamento humano.

O primeiro conjunto de aulas exemplifica três modos de compreender o ensinar e o aprender no momento em que a Filosofia e as ciências naturais ditavam as teorias sobre a educação escolar. São os casos da didática de Comenius e Locke no século XVII e da didática de Herbart no século XIX.

Esse período foi marcado por uma infinidade de hipóteses sobre a localização, o funcionamento e as formas de otimização das faculdades mentais ou dos estados de consciência. Acreditava-se que o movimento da “alma” ou da “mente” fornecia ordem ideal para a elaboração de métodos de ensino, programas e currículos.

O segundo bloco explora a experiência da Filosofia da Educação de Tyler e da Psicologia experimental de Skinner. Vivenciando a utopia positivista da ciência (quantificar, generalizar, prever e controlar), no início do século XX, esses autores não mais estavam preocupados com o que acontecia na mente. Seus interesses, embora diferenciados, deslocaram-se para o ambiente. Queriam conhecer as melhores estratégias para condicionar o comportamento das pessoas, programar situações de aprendizagem que lhes garantissem a moldagem do comportamento programado como objetivo educacional.

No último bloco, estão os psicólogos Bruner, Ausubel e o sociólogo Perrenoud. Eles escrevem a partir dos anos 1950, quando a teoria comportamentalista já se tornava insuficiente para explicar a aprendizagem humana. Nesse tempo, que alcança a nossa experiência atual, reina o cognitivismo, representando certo retorno às preocupações com o funcionamento da mente.

Mas, é um retorno dentro de novas conquistas científicas. Hoje não mais se entende o ensino e a aprendizagem em termos de sementes divinas, exercício de faculdades, conflitos de consciência ou ação/recompensa.

As respostas sobre o ensinar, aprender, selecionar conteúdos e avaliar são construídas a partir de um melhor conhecimento do cérebro e de suas funções. Os três autores reconhecem, por fim, que as condições sociais, desejos inconscientes e uma série considerável de outros fatores interferem nos processos e nos resultados individuais da escolarização.

CONCLUSÃO

A Didática é uma disciplina fundamental na formação inicial e no cotidiano profissional dos professores. Ela problematiza e oferece respostas e fundamenta a reflexão sobre os sentidos de ensinar, aprender, selecionar conteúdos e avaliar a aprendizagem. Mas, quem deve decidir sobre a relevância da matéria é você, a partir da avaliação sobre as suas próprias respostas às quatro questões que propus. Neste curso, tentarei convencê-los de que a problematização sobre o ensinar, aprender, conteúdos e avaliação alcança vários séculos e inúmeras obras, das quais apresentarei, apenas, as principais proposições de oito autores.



RESUMO

Convivi, durante muito tempo, com os conflitos entre saberes históricos e saberes pedagógicos. Mas, a vida de professor e as pesquisas com o próprio ensino de História me mostraram que as separações equívocas ensino/pesquisa, matérias de “conteúdo”/matérias “pedagógicas” impedem à formação e atuação honesta do profissional docente. Neste curso, tentarei convencê-lo de que a reflexão sobre esses clássicos objetos da Didática (ensinar, aprender, selecionar organizar conteúdos e avaliar) atravessa cinco séculos, aproximadamente, e constitui um rico acervo à disposição dos professores. Mas é importante ter em mente que os modelos são ensaios teóricos que responderam às questões do seu tempo. Aqui eles foram organizados em três blocos que correspondem às posições dominantes sobre a natureza e o funcionamento da mente, e o controle do comportamento humano.



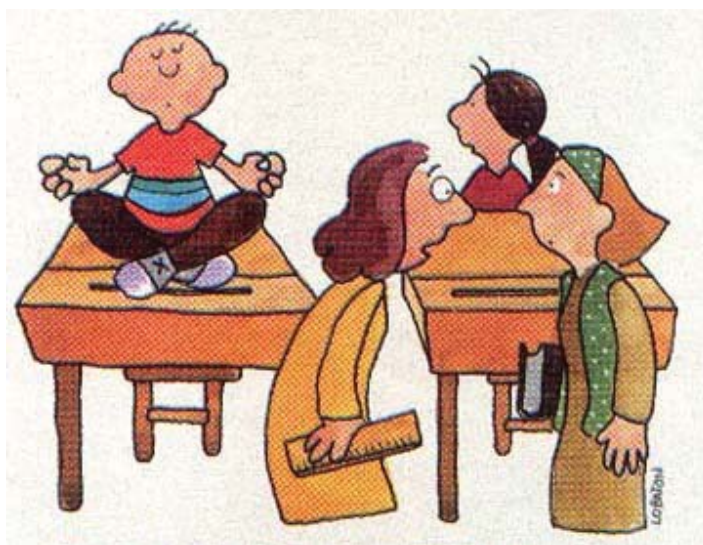
AUTOAVALIAÇÃO

1. Por que há tantos modelos didáticos à nossa disposição?
2. Quais os principais condicionantes para a escolha das fontes (autores e obras) e conteúdos deste curso?

RETROALIMENTAÇÃO

1. É lugar comum reconhecer que as sociedades se modificam e com ela também são alteradas as formas de transmissão da cultura. A escola, os alunos, os professores, os cursos de formação de professores e a pesquisa sobre a escola, os alunos e a formação de professores também modificam-se, pois são gerados no interior das sociedades. São essas mudanças que dão origem à variedade de discursos sobre a natureza e os modos de aprender, ensinar, conceber conteúdos e avaliar.

2. Os autores, as obras e as proposições veiculadas pelas obras foram selecionadas a partir de três condicionantes: 1) as ideias sobre a natureza e o funcionamento da mente (disciplina formal, comportamentalismo e cognitivismo); 2) os autores e obras que foram e/ou são direta, ou indiretamente, empregados na experiência educacional brasileira; e 3) as proposições que discutem, minimamente os objetos clássicos da Didática abordados por este curso (aprendizagem, ensino, conteúdo e avaliação).



“Ele diz que prefere a meditação como caminho para a sabedoria.” (Fonte: <http://marciacordoni.files.wordpress.com>). Capturado em 26 mai. 2011.



PRÓXIMA AULA

Na aula n. 2, apresentarei as principais características dos modelos didáticos estudados na primeira unidade deste curso. Em seguida, comentarei sobre os sentidos de aprendizagem, ensino e conteúdos veiculados na Didática magna de João Amós Comenius.

REFERÊNCIAS

- CAPORALINI, Maria Bernadete Santa Cecília. Na dinâmica interna da sala de aula: o livro didático. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a Didática**. 8 ed. Campinas: Papirus, 1993. pp. 97-129.
- CASTANHO, Maria Eugênia de Lima e Montes. **Os objetivos da educação**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a Didática**. 8 ed. Campinas: Papirus, 1993. pp. 53-64.
- CUNHA, Maria Isabel. **A relação professor-aluno**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a Didática**. 8 ed. Campinas: Papirus, 1993. pp. 145-158.
- FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos para o ensino de História** (Anos e iniciais). São Cristóvão: Editora da UFS, 2010.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. Educação: Pedagogia e Didática – o campo investigativo da Pedagogia e da Didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000. pp. 77-130.
- LOPES, Antonia Osima. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica da educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a Didática**. 8 ed. Campinas: Papirus, 1993. pp. 41-52.
- OLIVEIRA, Maria Rida Neto Sales. A pesquisa em Didática no Brasil: da tecnologia de ensino à teoria pedagógica. In: Selma Garrido. Para uma re-significação da Didática – ciências da educação, pedagogia e didática (uma revisão conceitual e uma síntese provisória). In: **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000. pp. 131-157.
- PIMENTA, Selma Garrido. Para uma re-significação da Didática – ciências da educação, pedagogia e didática (uma revisão conceitual e uma síntese provisória). In: **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000. pp. 19-76.
- SOARES, Magda. Didática, uma disciplina em busca de sua identidade. **Revista da ANDE**, São Paulo, n. 9, 1986.